

## QUANDO O CAMPO AINDA NÃO EXISTE: OLHAR DEMORADO, REGISTRO E ESCRITA NA ETNOGRAFIA

Angélica Cristina Rivelini-Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este texto tem como objetivo refletir sobre a construção de objetos de pesquisa etnográficos, defendendo o olhar demorado como condição para que o campo se forme e ganhe legibilidade. A fundamentação articula a etnografia pós-moderna, a crítica à transparência da escrita e a figura do etnógrafo-turista (Bruner). Metodologicamente, trata-se de um ensaio que combina narrativa, metáfora e revisão de literatura para reposicionar campo, registro e escrita. Como resultados, sustenta-se que observar é compor, que o rigor reside na clareza do percurso e que campos conectivos incluem ambientes virtuais, considerando rastros, silêncios e instabilidades. Conclui-se que pesquisar implica atenção ao ordinário, distinção entre acessível e ético, escrita cuidadosa e responsabilidade, preservando a dimensão prazerosa do aprender a ver no cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** Metodologia etnográfica. Atenção ao cotidiano. Escrita de pesquisa.

**ABSTRACT:** This article aims to reflect on the construction of ethnographic research objects, arguing that a sustained gaze is a condition for the field to be formed and to become legible. Its theoretical grounding brings into dialogue postmodern ethnography, critiques of the transparency of writing, and Bruner's figure of the ethnographer-as-tourist. Methodologically, it is an essay that combines narrative, metaphor, and a literature review to reframe the notions of field, record, and writing. The argument advanced is that to observe is to compose; that rigor lies in the clarity of the research trajectory; and that connective fields encompass virtual environments, taking into account traces, silences, and instabilities. The article concludes that research requires attention to the ordinary, a clear distinction between what is accessible and what is ethical, careful writing, and responsibility, while preserving the pleasurable dimension of learning to see in everyday school life.

**Keywords:** Ethnographic methodology. Attention to the everyday. Research writing.

### INTRODUÇÃO

Há um momento inaugural da pesquisa em que tudo parece vasto demais e, ao mesmo tempo, pequeno, quase irrelevante diante das exigências de uma investigação científica. Nesse cenário de incerteza, este texto tem por objetivo refletir sobre a construção dos objetos de pesquisa, defendendo o olhar demorado como condição para que o campo se constitua e se torne legível.

---

<sup>1</sup>Professora Doutora em Ensino de Ciências, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

O objeto de pesquisa existe, mas não se deixa recortar/capturar. Os objetivos aparecem como intenções amplas, ainda sem arestas. O objeto de estudo, por sua vez, não se entrega como algo pronto, mas como uma sensação de direção.

Esse começo costuma ser demorado e laborioso, e há algo de formativo nessa demora. É como olhar para o chão e observar uma formiga se locomovendo: num primeiro instante, vemos apenas um movimento mínimo, uma pequena vida atravessando um caminho que não sabemos ler. Se continuarmos olhando e dermos atenção ao entorno, logo identificamos outras formigas e insetos circulando ao redor, pequenos habitantes que não percebemos no cotidiano. O olhar habitual passa rápido e não reconhece as pequenas criaturas. Pesquisar também demanda deter-se com calma, essa atenção paciente às partes miúdas que compõem o espaço investigado. É um exercício de demora: sustentar o olhar até que o campo, antes indistinto, comece a mostrar suas relações.

Essa sensação inicial de que o tema escapa e de que o campo demora a aparecer não é um fracasso do pesquisador, mas parte do próprio processo de construção do objeto. No começo, a expectativa de encontrar dados prontos pode produzir estranhamento e até frustração, justamente porque a pesquisa exige tempo para que relações, rotinas e sentidos se tornem visíveis.

E o ‘peso’ desta bagagem dificultou o que inicialmente me parecia simples, fui surpreendida diversas vezes pela ausência total de dados a serem colhidos, imaginava que seria como colher lírios no campo, porém o campo, ele próprio não estava lá e nada de flores, ao menos no primeiro momento (Rivelini-Silva, 2012, p. 19).

Em outras palavras, o campo não se oferece como coleção imediata de evidências: ele se forma à medida que o olhar aprende a sustentar a atenção, a registrar e a reorganizar o vivido em cenas e perguntas. Essa experiência, marcada pelo peso da bagagem teórica e pela busca por sinais ainda dispersos, é bem sintetizada quando a autora citada reconhece que imaginava “colher lírios no campo”, mas se deparou, no início, com a ausência de dados e com a impressão de que o próprio campo ainda não estava dado (Rivelini-Silva, 2012).

Esse aprendizado da atenção, portanto, não é apenas uma atitude inicial diante do campo, mas um modo de conduzir a pesquisa ao longo de todo o percurso. Quando se aceita que o dado não está simplesmente ‘à espera’, observar deixa de ser captura e passa a ser composição: selecionar cenas, acompanhar recorrências, sustentar dúvidas, registrar o que se diz e o que se cala, e reconhecer que toda descrição já organiza o vivido em uma forma narrável. Este deslocamento, do campo como coleta para o campo como construção, pode ser orientado por

uma etnografia pós-moderna, assumindo a escrita como parte do método e tratando a interpretação como movimento inseparável da presença, do registro e do recorte.

A etnografia pós-moderna constitui uma abordagem antropológica que tensiona a pretensão de objetividade associada à etnografia tradicional. Em vez de tratar a escrita como simples registro do real, assume-a como uma construção interpretativa, marcada por escolhas, recortes e formas de narrar (Jordão, 2002).

Nessa perspectiva, a cultura é compreendida como um campo atravessado por múltiplos discursos, em diálogo com contribuições de autores como Foucault (2021) e Derrida (2021), o que desloca a análise para as relações de poder, para a produção de sentidos e para a posição de quem pesquisa. Ao valorizar a reflexividade, a etnografia pós-moderna dá centralidade à subjetividade e às vozes, tanto do pesquisador quanto dos interlocutores, e amplia repertórios narrativos, incluindo investigações em ambientes digitais e trabalhos que enfrentam temas como gênero e sexualidade. Trata-se, assim, de uma orientação que privilegia a desconstrução de naturalizações e a atenção à pluralidade cultural, reconhecendo limites, tensões e parcialidades inerentes ao ato de descrever e interpretar (Jordão, 2002).

A etnografia<sup>2</sup>pós-moderna, quando tomada seriamente, nasce desse compromisso com a atenção. Um caráter artesanal e detalhista do trabalho etnográfico e no seu vínculo com o tempo, com a observação paciente e com a construção de interpretações que se deixam tensionar pelo próprio campo. É um modo de pesquisa que não se satisfaz com expressões prontas ou inferência do tipo ‘parece que é isso ou parecer ser assim’ porque sabe que o cotidiano se constitui de simplicidades, e que a vida social se organiza também por aquilo que se repete discretamente, por aquilo que se normaliza sem alarde, por aquilo que se torna invisível de tão frequente (Magnani, 2002).

Essa escolha metodológica, contudo, carrega uma exigência: aceitar que pesquisar não é apenas aplicar procedimentos, mas construir um olhar e uma escrita capazes de sustentar esse olhar, não é só presença no campo. É produção de registro, é seleção de cenas, é montagem de evidências, é retorno insistente ao material, é a tentativa de descrever com precisão sem esmagar o vivido. E, sobretudo, é reconhecer que o texto não é um espelho transparente do mundo. O

---

<sup>2</sup> Esse texto não pretende descrever e classificar formas e métodos da etnografia (interpretativa, estrutural-funcionalista, crítica, pós-moderna, pós-colonial, virtual e entre outras), mas discorrer sobre o olhar atento e intencional do pesquisador etnográfico. Para se aprofundar nos conceitos de etnografia buscar em Bruner (1995), Gottschalk (1998), Clifford e Marcus (2010), Levi-Strouss (2017), Soares (2021), Segata, Rifiotis e Máximo (2024) e outros tantos autores podem ser consultados.

debate de *Writing Culture*<sup>3</sup> organizado Clifford e Marcus (2024) tornou incontornável a ideia de que a escrita etnográfica é atravessada por escolhas, ângulos, relações de poder e efeitos de autoridade. O que se narra, como se narra e de onde se narra não são detalhes periféricos: são parte constitutiva do método.

É nesse ponto que a figura do etnógrafo-turista, proposta por Bruner (1997), oferece uma chave singular para pensar a etnografia. Ao comparar o etnógrafo e o turista, o autor não está apenas relacionando dois personagens. Ele está deslocando uma confiança antiga: a crença de que o pesquisador seria uma espécie de observador autorizado, capaz de entrar no campo, recolher significados e devolvê-los em forma de relato ‘fiel’. Ao aproximar etnógrafo e turista, Bruner ilumina uma zona incômoda: ambos circulam, selecionam, interpretam, enquadram e voltam para casa com narrativas, fotos, sensações e suvenires.

A diferença não é moral; é metodológica. O etnógrafo, precisa trabalhar contra as facilidades do olhar turístico: contra a pressa, contra o exotismo, contra a tentação de transformar o vivido em imagem pronta. Mas ele não escapa do fato de que também olha de um lugar, também compõe recortes, também produz história ao narrar. A metáfora é, portanto, uma disciplina: lembrar que observar é sempre um ato situado e que a presença do pesquisador não é neutra (Bruner, 1997).

Chamar essa perspectiva de etnografia-turista não significa abandonar rigor, nem converter pesquisa em literatura. Significa aceitar as consequências da crítica à transparência: recusar a fantasia de um método que garantiria automaticamente verdade e, no lugar disso, assumir a responsabilidade de tornar legível o percurso.

A etnografia não elimina a necessidade de critérios; ela desloca o centro do rigor para o relato coerente do caminho, para a clareza dos recortes, para a consistência entre o problema, o campo, os registros e a interpretação. Nessa perspectiva, a metodologia deixa de ser um inventário de técnicas e passa a ser uma narrativa controlada do que foi feito, do que foi possível fazer e do que precisou ser abandonado (Rivelini-Silva, 2012).

Essa posição ganha força quando reconhecemos que o campo não é um recipiente estável e que nem está à espera de um pesquisador etnógrafo (etnógrafo-turista) para servir como base de coleta de dados. Magnani (2002), ao defender a etnografia ‘de perto e de dentro’, demonstra que não se trata apenas de estar no local, mas de construir uma forma de aproximação que permita compreender dinâmicas, sociabilidades, percursos e formas de vida em sua espessura.

---

<sup>3</sup> Tradução livre – escrever a cultura.

“De perto e de dentro” é também um princípio de atenção: estar suficientemente próximo para perceber o detalhe, e suficientemente implicado para compreender as lógicas internas, sem confundir proximidade com convivência.

Fonseca (1999), por sua vez, oferece outra advertência ao discutir a tentação de reduzir a pesquisa qualitativa a “cada caso é um caso” (p. 59). Seu argumento, ao tratar do método etnográfico, é um convite a sustentar uma tensão produtiva: tomar a singularidade a sério, sem abandonar a busca por relações e inteligibilidades que ultrapassem o indivíduo. Em outras palavras, a etnografia não é coleção de histórias; é um trabalho de interpretação que busca compreender como o social se organiza em práticas, normas, valores, afetos e assimetrias.

Se o etnógrafo-turista é alguém em trânsito, então o campo não pode ser pensado apenas como um lugar fixo. Deve ser vista por seu movimento, conexões, circulações e traduções, em vez de se encerrar em um como algo fixo e dado. A vida social, especialmente em contextos contemporâneos, se organiza por redes de relações que atravessam instituições, objetos, discursos, documentos, deslocamentos e mediações. A pesquisa, então, precisa aprender a seguir fios: acompanhar como algo se move, se transforma, se estabiliza e se legitima ao circular.

No ensino de Química, por exemplo, essa orientação é particularmente potente. Um enunciado químico não vive apenas no quadro ou no livro didático. Ele circula em avaliações, em práticas laboratoriais, em conversas de corredor, em materiais digitais, em vídeos curtos, em *memes*, em promessas de eficácia e em discursos de risco. Seguir o enunciado é seguir também os lugares de autorização: quem pode dizer, em que momento, com que linguagem, com que efeitos. O objeto de pesquisa, nesse sentido, não é uma ‘coisa’ isolada; é um conjunto de relações que se tornam observáveis quando o olhar aprende a demorar.

### **E os espaços virtuais?**

Bom, os espaços virtuais devem deixar de ser encarados como apêndice e se tornarem parte do próprio campo. Hine (2015), propõe que a internet seja tratada como incorporada e cotidiana, isto é, não como um outro mundo separado, mas como dimensão que atravessa as práticas diárias. Isso tem implicações metodológicas diretas: não se trata apenas de ‘ir para o online’, mas de compreender como práticas educativas se distribuem por ambientes conectados, como se dão os deslocamentos entre presença física e mediações digitais, e como esses ambientes reconfiguram visibilidades, ritmos, autoridades e memórias.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011), oferecerem ferramentas conceituais e operacionais para lidar com o desafio central: quando a internet não é apenas fonte, mas também ambiente de interação, arquivo de rastros e parte do cotidiano, o método precisa ser capaz de tratar materialidades digitais, temporalidades aceleradas, instabilidades de plataforma e novas formas de presença do pesquisador.

Amaral (2010), discuti limites e insuficiências metodológicas da pesquisa etnográfica em cibercultura<sup>4</sup> e ao apresentar a netnografia como aporte para pesquisa em comunicação digital, reforça uma ideia importante: objetos digitais são dinâmicos, mutáveis, e exigem do pesquisador uma vigilância contínua sobre o próprio recorte. O campo, aqui, não “fica parado” (p.11) para ser descrito. Ele se atualiza, muda de interface, muda de regra, muda de visibilidade. Pesquisar é, também, aprender a registrar a mudança sem perder a coerência do caminho.

Nesse processo se torna necessário apresentar algumas noções e procedimentos para análise de redes sociais online, mostrando que a vida conectada pode ser descrita e interpretada por estruturas de relações, sem reduzir o fenômeno à contagem ou à abstração. Para uma etnografia em tempos de plataformas, isso significa reconhecer que relações deixam rastros, que rastros podem ser interpretados, e que tal interpretação não substitui a observação densa, mas pode dialogar com ela, ampliando a compreensão das circulações e dos pontos de intensificação do discurso (Recuero, 2016).

6

Ao falar de etnografia digital, convém manter uma distinção cuidadosa: não existe uma forma correta de fazer etnografia em ambientes digitais, mas há princípios que ajudam a sustentar consistência. Oliveira, Silva-Silva e Sales (2024) enfatizam que a etnografia digital exige atenção às práticas, às materialidades, às rotinas e às relações mediadas por tecnologias, evitando tratar o digital como simples repositório de textos disponíveis. A ênfase recai na experiência situada e nas articulações entre modos de vida e mediações técnicas.

No cenário brasileiro, é importante registrar que essa agenda não se limita à metodologia como técnica, mas envolve também discussões uso de plataformas digitais, desloca a atenção para o modo como as plataformas entram no trabalho de campo não apenas como meio, mas como parte das condições que organizam interação, acesso, visibilidade e registro (Oliveira; Silva-Silva; Sales, 2024). Isso devolve a pergunta metodológica ao seu lugar mais difícil: que

---

<sup>4</sup> Cibercultura é o conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensar e valores que se desenvolvem junto com o crescimento do ciberespaço (Levy, 2010, p.34).

tipo de campo é um campo mediado por plataformas? E como narrar esse campo sem naturalizar a própria plataforma?

O trabalho de campo se reconfigura quando o espaço cibernético<sup>5</sup> passa a ser parte do cotidiano e do próprio desenho da pesquisa. Esse é um desafio do presente, as formas de pesquisar sem substituir o campo ‘clássico’, mas de reconhecer variações e consequências metodológicas da vida conectada. Esse ponto precisa ser pensado, pois mesmo os espaços físicos sofrem influências do ciberespaço, estudos desenvolvidos em escolas, muitas vezes precisam considerar as plataformas educacionais, locais cibernéticos em que estudantes e professores postam atividades, tarefas, chamadas e registros de conteúdo.

A essa altura, o etnógrafo-turista reaparece com outra camada. Ele não circula apenas por ruas, salas e corredores. Ele circula por interfaces, timelines, arquivos, capturas de tela, pastas, notificações. Aprende a estranhar o que parece banal: um silêncio em grupo de mensagens, um conteúdo apagado, uma mudança de algoritmo percebida na súbita queda de alcance, um formato que favorece explicações rápidas e penaliza argumentos longos. O turista, no digital, corre o risco de confundir visibilidade com importância. O etnógrafo, ao contrário, precisa desconfiar das evidências fáceis, porque sabe que plataformas produzem cibercultura. E produzir cibercultura é produzir mundo.

Entretanto, é necessário distinguir ‘acessível’ de ‘ético’: um conteúdo publicamente disponível pode carregar expectativas de anonimato, e a reidentificação pode ocorrer por detalhes mínimos, especialmente quando o pesquisador descreve cenas com excesso de particularização. A pesquisa, portanto, precisa desenvolver uma escrita cuidadosa: aquela que preserva a densidade do fenômeno sem expor pessoas e sem transformar sujeitos em exemplos fáceis.

Aqui, o retorno à imagem da formiga ajuda novamente. Há uma forma de olhar que deseja logo nomear, classificar e concluir. E há uma forma de olhar que aceita permanecer um pouco mais no terreno do incerto. No começo da pesquisa, a pressa produz objetos frágeis. A atenção produz objetos habitáveis. Ao sustentar o olhar, o pesquisador percebe que a formiga não é apenas “uma formiga”: ela participa de trajetos, encontra obstáculos, segue trilhas, muda de direção, carrega materiais, é parte de uma ecologia inteira. Do mesmo modo, um tema de pesquisa não é apenas um conteúdo. Ele é trama de práticas, de linguagens, de autoridade, de

---

<sup>5</sup> Ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e de suas memórias, isto é, um ambiente em rede que viabiliza circulação de informação e interação (Levy, 2010, p.17).

materialidades e de mediações. A pesquisa nasce quando o olhar aprende a enxergar essa ecologia e quando a escrita consegue dar forma a ela sem simplificá-la.

Esse tipo de metodologia, portanto, não se escreve como manual. Escreve-se como percurso. E o rigor acadêmico, aqui, não se mede pela imparcialidade, mas pela clareza com que o texto torna visível o caminho: por que este recorte e não outro; como o campo foi acompanhado; que tipos de registros sustentaram a interpretação; quais cenas foram escolhidas; como o pesquisador lidou com sua própria presença; como as plataformas entraram no desenho; como foram enfrentados os dilemas éticos; como o argumento retornou ao material para se ajustar, se fortalecer e, quando necessário, renunciar.

Há, por fim, uma dimensão prazerosa nessa forma de pesquisar, é parte da potência do método. O prazer não é o da descoberta instantânea, mas o da atenção que aprende. É o prazer de perceber aquilo que estava ali e não era visto. É o prazer de reconhecer que o cotidiano é mais complexo do que nossas categorias apressadas. É o prazer, também, de escrever metodologia como reflexão, e não como burocracia. Quando isso acontece, a pesquisa deixa de ser apenas produção de resultados e passa a ser formação do olhar.

## REFLEXÕES FINAIS

Este artigo partiu da experiência inicial de indeterminação na pesquisa, quando tema, objetivos e objeto ainda não se deixam recortar, para sustentar que o campo não é uma superfície pronta, mas algo que se torna visível na medida em que o pesquisador aprende a demorar o olhar. A metáfora da formiga e a imagem de “colher lírios” sintetizam esse deslocamento: a ausência de dados no começo não é falha, mas sinal de que o campo exige tempo, atenção e reordenação do vivido para que relações, recorrências e tensões apareçam.

Ao longo do texto, a etnografia pós-moderna foi mobilizada como orientação prática de escrita e interpretação, assumindo que observar implica selecionar, registrar implica enquadrar, e narrar implica atribuir sentido. Nesse movimento, o rigor não se confunde com neutralidade, mas com a clareza do percurso, com a explicitação dos recortes e com a responsabilidade na forma de descrever e interpretar.

Por fim, ao reconhecer que práticas escolares se estendem por ambientes conectados, o artigo reafirma que o campo contemporâneo atravessa espaços físicos e virtuais, exigindo atenção às mediações de plataformas, aos rastros, aos silêncios e às mudanças rápidas do digital, sem reduzir o online a um repositório. Nesse contexto, a ética se torna parte do método, pois

acessibilidade não equivale a simplicidade ética. Conclui-se que pesquisar é, simultaneamente, aprender a ver e aprender a escrever: um trabalho paciente de atenção ao ordinário que, ao invés de empobrecer o processo, pode torná-lo intelectualmente mais intenso e prazeroso.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 86, p. 122-135, 2010. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.voi86p122-135. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/13818>. Acesso em: 15 jan. 2026.

BRUNER, Edward M. *The Ethnographer/Tourist in Indonesia*. In: LANFANT, Marie-Françoise; ALLCOCK, John B.; BRUNER, Edward M. (org.). *International Tourism: Identity and Change*. London: SAGE, 1995.

CLIFFORD, J.; MARCUS, G. E. (org.). *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 2010.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2021.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999. Acesso em: 15/01/2025. Disponível em: [https://poars1982.files.wordpress.com/2008/03/rbde10\\_06\\_claudia\\_fonseca.pdf](https://poars1982.files.wordpress.com/2008/03/rbde10_06_claudia_fonseca.pdf)

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. II. ed. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A.. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GOTTSCHALK, S. Sensibilidades Pós-Modernas e Possibilidades Etnográficas. In: BANKS, Anna; BANKS, Stephen P. (org.). *Fiction e Social Research: by ice or fire*. London: Sage Publications Ltd., 1998.

HINE, C.. *Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday*. London: Routledge, 2015.

JORDÃO, Patrícia. A antropologia pós-moderna: uma nova concepção da etnografia e seus sujeitos. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 4, n. 1, p. 35-51, 2004. Disponível em: [https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/04/A\\_antropologia\\_Pos\\_Moderna\\_Uma\\_Nova\\_Concepcao.pdf](https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/04/A_antropologia_Pos_Moderna_Uma_Nova_Concepcao.pdf). Acessado em: 15/01/2025.

KOZINETS, Robert V.; GRETZEL, Ulrike. Netnography evolved: New contexts, scope, procedures and sensibilities. *Annals of Tourism Research*, v. 104, 2024. DOI: 10.1016/j.annals.2023.103693

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MAGNANI, J. G. C.. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. DOI: 10.1590/S0102-69092002000200002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgfQD7ytJ/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 13/01/2025.

OLIVEIRA, D. A., SILVA-SILVA, L. C., SALES, S.(orgs.) *Metodologias de pesquisas científicas no ciberespaço/cultura*. Curitiba: Appris, 2024.

RECUERO, Raquel. *Introdução à análise de redes sociais online*. Salvador: EDUFBA, 2017.

RIVELINI-SILVA, Angélica Cristina. *Quem é químico?: a apropriação dos enunciados científicos nas aulas de química*. 2012. 82 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Londrina, 2012.

SEGATA, J.; RIFIOTIS, T.; MÁXIMO, M. E. *Etnografias do (e no) digital: desafios contemporâneos*. 2024.

SOARES, S. S. D. *Netnografia e a pesquisa científica na internet*. *Psicologia USP*, 2021. DOI: 10.1590/0103-6564e200066. Disponível em: <https://revistas.usp.br/psicousp/article/view/202617>. Acesso em: 10/01/2025.